

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS (IVL)
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

**INTRODUÇÃO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS E ASPECTOS
TÉCNICOS DO FAZER MUSICAL: PROPONDO NOVAS
DISCIPLINAS PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO EM
MÚSICA**

por

Rogério Miranda Leitão

RIO DE JANEIRO - 2013

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Música sob a orientação do Prof. Ms. Alexei Michailowsky, com co-orientação da Profa. Dra. Cláudia Miranda.

Rio de Janeiro, 2013

RESUMO

Este trabalho visa a levantar algumas questões acerca do currículo nas universidades de música do Brasil, questionando os parâmetros de ensino da música tradicional frente ao mercado de trabalho atual. Através de um personagem fictício, abordaremos algumas situações que um músico recém formado por uma universidade de música tradicional poderá enfrentar no decorrer de sua vida, já que o currículo atual ainda oferece muitas lacunas se confrontado com as necessidades profissionais e técnicas que o mercado musical brasileiro nos apresenta nos dias de hoje. À medida em que vamos expondo as diversas possibilidades de atuação profissional que o músico poderá desenvolver, elaboramos algumas propostas de disciplinas curriculares que poderiam ser criadas de forma a complementar a formação do músico e adequá-la à realidade profissional atual.

Palavras chave:

Música; ensino; currículo; tecnologia; mercado; violino; graduação

ABSTRACT

This work aims to raise some questions about the curricula in Brazilian music undergraduate programs, questioning the parameters of traditional music education outside the current job market. With a fictional character, we will describe some situations that a recently graduated musician may face in the course of his life, as most current curricula offer many gaps to date, if we consider the technical and professional requirements of the Brazilian musical market nowadays. As we expose the various ways that a professional musician that can follow, we adress some proposals for curricular subjects that could be created to complement the formation of the musician and make it suitable to the current professional reality.

Keywords:

Music, teaching, curriculum, technology, market, violin; graduation

INTRODUÇÃO

O estudante de música brasileiro, principalmente o instrumentista, geralmente conclui a graduação com todo o preparo teórico e prático para a execução do seu instrumento. Entretanto, ao se deparar com o mercado musical atual, o músico percebe que existe uma gama de serviços dos quais ele depende e com os quais terá que arcar, como locação de estúdios de ensaio e gravação, e contratação de operadores de som, *roadies*, afinadores, iluminadores, etc. A graduação em música não oferece noções do funcionamento estrutural de um evento musical e tampouco ensina tópicos como a elaboração de um *rider* (mapeamento dos equipamentos necessários à apresentação) de som ou de luz, posicionamento de microfones no palco, procedimentos de passagem de som, técnicas de mixagem e até mesmo os aspectos burocráticos envolvidos na produção de um evento (como preparação de contratos e sistemática de direitos autorais).

O mercado musical de hoje não deixa muitas perspectivas de estabilidade profissional aos músicos práticos, daí a necessidade urgente de uma maior autonomia por parte dos mesmos para contratar serviços especializados e compreender todas as necessidades para apresentações ao vivo e gravações. É muito comum hoje vermos técnicos de som e luz com empresas estabelecidas e em franca expansão enquanto músicos qualificados (ou não) continuam dependendo da boa vontade de contratantes ou do *couvert* de casas noturnas que sempre dividem o prejuízo com os músicos. Infelizmente muito poucos conseguirão se inserir no grande mercado musical, atuando com grandes artistas e recebendo cachês decentes ou mesmo salários. Ainda assim tal situação, por mais honrosa que seja, geralmente é temporária. A opção pela carreira acadêmica é atraente, porém nem todos podem ou querem dedicar tantos anos de estudo aprofundado aos aspectos teóricos da música, afastando-se invariavelmente de sua prática e convivendo uma boa dose de frustração pessoal. “O curso superior de música também pode ser buscado como requisito para a construção da carreira da docência superior e/ou de pesquisador, cuja legitimação social é mediada pela titulação e não diretamente pelo mercado de trabalho”¹.

As dificuldades são inúmeras pois nem sempre a música é vista como atividade profissional aos olhos da sociedade brasileira. De acordo com Sonia Regina Albano de Lima,

em pleno século XXI a humanidade ainda não aprendeu a pensar a atividade musical como uma atividade profissional que precisa ser respeitada, uma vez que exige do profissional um aprendizado constante e eficiência artística. A sociedade ainda relaciona a música ao lazer e não lhe confere um atributo cognitivo que integra a atividade musical ao elenco de necessidades pertinentes à formação da personalidade humana.²

¹ COLI (2003, p. 220)

² LIMA (2003)

Em relação às novas tecnologias, cabe aqui uma breve pesquisa em torno dos equipamentos modernos à disposição para gravações, edições, mixagens e shows. Esses tópicos abordam principalmente o mundo dos estúdios virtuais, recurso atualmente usado por milhares de músicos em ambiente doméstico, porém geralmente de maneira autodidata. É fato que hoje em todo lugar existe algum músico sentado à frente de seu computador criando suas obras, o que tem de certa forma desvalorizado a função do produtor musical.

As universidades de música apresentam naturalmente um ambiente propício para este fim, com estúdios e salas de concerto dotadas de equipamentos como mesas de som, amplificadores, microfones, equipamentos periféricos e caixas acústicas. Por isso, faz-se necessário nos dias de hoje discutir a criação de disciplinas curriculares focadas nas possibilidades que o músico moderno encontra à sua disposição. E também agregar conhecimento sobre algumas funções e necessidades técnicas relacionadas à profissão de músico e buscar uma maior autonomia e capacitação para lidar com funções que normalmente são delegadas a outros profissionais. Seria importante estender os conteúdos abordados pelas práticas de conjunto, por exemplo, para que o estudante conheça um pouco mais sobre um “outro lado” caracterizado pelos mecanismos e situações que se escondem nos bastidores do meio artístico e interferem diretamente no trabalho em cena.

O objetivo deste trabalho é elencar, através da vivência de um personagem fictício, algumas situações problemáticas que um músico encontra ao se inserir no mercado de trabalho, seguidas de soluções práticas que poderiam ter sido exploradas ainda no ambiente acadêmico, possibilitando ao músico um maior preparo para enfrentar essas dificuldades frequentemente observadas no seu trabalho.

Os currículos das instituições brasileiras ainda mantêm seu principal foco sobre uma realidade construída em torno da música de concerto europeia, cuja presença no mercado de trabalho brasileiro de música é ínfima. Como afirma Recôva,

A presença da música popular nas universidades e faculdades em nível de graduação e pós-graduação não significa, entretanto, que o músico popular tenha tido o eixo principal de sua formação modificado. Esses cursos ainda tendem a ser organizados segundo critérios analíticos da música clássica de tradição européia.³

Através destas questões que o personagem nos traz, podemos traçar um panorama sugestivo de um currículo mais abrangente que poderia ser adotado nas universidades e escolas de música em geral. Como afirma Sonia Regina Albano de Lima,

em outras áreas de atuação assistimos a implantação de um mercado de trabalho cada vez mais exigente, que exige profissionais com conhecimentos tecnológicos atualizados, com habilidades gerais que transcendem a própria especialidade, poder de decisão, iniciativa, capacidade para o trabalho de equipe e eficiência operacional.

³ RECÔVA (2006, p. 31)

No mesmo indivíduo são contempladas a polivalência e a especificidade técnica [...] É certo que o interesse pelas artes na sociedade contemporânea tem se ampliado substancialmente, em razão do homem estar convivendo em maior tempo com o lazer. O mercado de trabalho musical tem aumentado consideravelmente. Cada vez mais o estético está presente no mundo; entretanto, quanto maior a produção artística, maior a exigência de profissionais eficientes.⁴

Em outras áreas de formação, a universidade funciona como um centro de preparação do aluno para o mercado de trabalho e procura estreitar seus laços com ele através de diversos programas de treinamento profissional (como estágios, por exemplo) e adequar seus currículos às demandas do momento. Mas, no caso dos cursos superiores de música, essa preocupação parece praticamente não existir. O mercado de trabalho musical brasileiro, por sua vez, ainda abre espaço para músicos sem treinamento formal e se apresenta de forma desorganizada, sem exigências padronizadas. A própria definição de músico profissional pode possuir contornos próprios. Como afirma Elizabeth Travassos,

músico profissional não é só aquele que exerce atividades remuneradas, mas também aquele cuja prática, independentemente da geração de renda, se desenrola num determinado enquadramento de relações sociais que a distingue da prática de estudo (na qual o músico é aluno), de ensaio (que é preparatória da performance propriamente dita), ou de passatempo (que dispensa público e uma situação de performance formalizada).⁵

Dessa forma, a trajetória do personagem Pedrinho do Violino após sua graduação em Música procurará expor problemas e dificuldades comuns enfrentados pelos bacharéis e licenciados no mercado profissional atual do Brasil e discutir os problemas frequentemente encontrados nos currículos acadêmicos no tocante à preparação dos alunos para a vida profissional e, diante disso, apresentará sugestões e propostas para solucionar essas inadequações.

⁴ Ibidem.

⁵ TRAVASSOS (1999).

CAPÍTULO I – “Caindo na real”

(Pronto! Agora Pedrinho do Violino está formado em música! Foram quatro anos de trabalho duro em cima do instrumento, horas de prática, dezenas de peças executadas, leitura afiada, apresentações no teatro da faculdade...)

Mas um pensamento desde já acompanha Pedrinho em todos os momentos; e agora?

Ele é um profissional. Profissionais formados precisam encontrar seu nicho no mercado de trabalho, se colocar de forma promissora, prosperar e vencer. Pelo menos é assim que a vida se apresenta desde cedo. Mas a ferramenta de trabalho de Pedrinho é um belo e pequeno instrumento de cordas e arco. Ele geralmente atua acompanhado por diversos outros em uma orquestra. Mas como as orquestras trabalham? Quanto se ganha? Não é muito comum ver alguém tocando violino no programa *Domingão do Faustão* da Rede Globo, na programação da rede *MTV* ou em grandes shows de música pop. Então, pra onde correr?

Integrar o naipe de cordas de uma orquestra sinfônica pode ser uma possibilidade mais que interessante. O ex-maestro da *OSESP* John Neschling costumava declarar que tocar na orquestra é tão difícil quanto ser presidente da República. Esse pensamento pode ser ilustrado com alguns dados. Entre 2008 e 2010, duas vagas do naipe de cordas dessa orquestra estiveram ociosas. O salário oferecido era de R\$ 10.300,00 com direito a décimo-terceiro salário, plano de saúde e seis semanas de férias. Mas nenhum candidato fora aprovado durante esse período. Exige-se um nível técnico muito alto para aprovação. O estadunidense Matthew Thorpe, integrante da casa desde 1998 confessou que precisou de seis tentativas até ser promovido assistente do chefe dos segundos-violinos: “A cobrança é altíssima e qualquer nervosismo pode arruinar a apresentação do candidato!”, diz ele, que hoje integra o comitê de seleção dos novos quadros da orquestra.

Consta que vinte dos trinta violinistas da *OSESP* são estrangeiros, o que deixa clara a falta de profissionais brasileiros qualificados para o posto.

Voltando ao personagem Pedrinho do Violino, teria ele tempo e condições para cumprir exigências tão severas? Poderia ele apostar em sua cota de talento para focar esse objetivo em sua vida?

No caso mencionado da *OSESP*, o processo de seleção por si só já é intimidador. Na primeira fase, além do currículo, o candidato precisa enviar um CD ou um DVD com o registro de alguma peça executada por ele. Se aprovado, terá que enfrentar duas audições diante do maestro e dos chefes de naipe. Ainda assim, se não convencer plenamente, poderá passar por um período de

experiência de três meses. Como se não bastasse, os selecionados passam por um ano probatório durante o qual poderão ser demitidos se houver algum deslize.

Há muitos aspectos a se levar em consideração na hora de optar por esta carreira. Os atrativos são incontestes, principalmente a estabilidade, algo difícil de se conquistar no meio musical. Mas, diante das próprias exigências para ingresso numa orquestra desse padrão, a possibilidade de Pedrinho do Violino considerar outros planos mais realistas e compatíveis com sua formação é bem possível.

CAPÍTULO II – Pesquisa de mercado

(Pedrinho do Violino tem pensado muito na possibilidade de fazer carreira na música popular. Afinal, quem disse que músico foi feito pra viver de roupa preta bem passada executando um repertório de cem, duzentos anos atrás? É fato que seu instrumento não se enquadra facilmente no contexto da música pop como as guitarras, contrabaixos elétricos, baterias, teclados modernos. Mas há a chance de se inserir no meio se ele for criativo, arrojado e apresentar uma postura diferenciada)

Pedrinho se mantém “antenado” na medida do possível. Com seus 21 anos de idade, não passa incólume à influência da música pop. Foi assistindo a videoclipes na televisão que ele se deparou com o trabalho de bandas como *The Verve*, *The Corrs*, *The Black Eyed Peas* e *Aerosmith* e notou que tais bandas utilizavam o violino ou naipes de cordas em suas composições destinadas ao grande mercado.

Mas logo surge a impressão de que seu instrumento, nas mãos desses artistas, se mostra substancialmente reformulado. Nas suas próprias mãos, o violino ainda se apresenta da mesma maneira que há pelo menos três séculos. Os violinistas do grande *show-business* integram um grande espetáculo com instrumentos elétricos amplificados, luzes, figurinos, coreografias e efeitos sonoros.

Não podemos nos esquecer que nosso personagem não vive o “mundo de sonhos da *MTV*”. Ele é apenas um jovem músico ainda inexperiente nos palcos, tentando se inserir no mercado de trabalho musical de um país da América do Sul. Assim, precisará encontrar uma forma de se situar entre o mundo empoeirado dos grandes compositores do passado e o eletrizante circo da música pop do século XXI. No Brasil, já é habitual o uso do violino em trabalhos de música religiosa (*gospel*), sertaneja, MPB e até em algumas bandas de rock, no embalo do formato de shows acústicos. (A série ‘Acústico MTV’ produziu uma safra de shows de grandes artistas nacionais e estrangeiros, obtendo grande êxito comercial). É preciso então levar em consideração as diferentes oportunidades: os violinistas competentes para estes segmentos de mercado ainda são raros. Sendo assim, por que não tentar esse caminho?

Um bom ponto de partida para começar a rever sua condição seria provavelmente procurar adequar o som de seu instrumento às demandas do mercado profissional, o que certamente envolverá algum investimento de sua parte. Como se familiarizar de forma ágil e econômica a uma nova configuração de performance no violino? Trabalhar em palcos e estúdios com um instrumento amplificado envolve muitos aspectos técnicos e performáticos que contribuem para a qualidade final do trabalho. Além da indispensável proficiência na execução do instrumento, o músico deve ter

conhecimento sobre a construção, captação, integração do canal do instrumento com o restante da banda, processamento e amplificação do som produzido.

Atualmente, é possível adquirir violinos elétricos pela faixa de R\$500,00 no mercado brasileiro. São instrumentos sem caixa de ressonância, com equalizadores embutidos, saídas para *headphones* entre outros recursos. Mas se o músico for purista o bastante para insistir em manter as características mais próximas possível do padrão clássico, poderá adaptar um bom captador piezo-cerâmico em seu instrumento que será plugado diretamente em um amplificador ou mesa de som. Captadores do tipo piezo são instalados de forma a captar o som (vibração) diretamente da madeira do instrumento, oferecendo um timbre bastante convincente bem próximo do natural.

Ao optar por esses caminhos, o músico inevitavelmente precisará coletar informações técnicas que nunca se fizeram importantes em seu ambiente musical até então, pois na universidade ele não precisou lidar com essas questões. Bastava o som acústico natural do instrumento, e a única preocupação dizia respeito à execução. Mas nesse contexto de atuação em música popular, o artista terá que fazer seu violino soar em meio a uma banda eletrificada. Como se ouvir e se fazer ouvir em meio a tantos instrumentos amplificados? Como obter um som adequado do seu instrumento captado por um pequeno microfone ou um cabo, processado por amplificadores, efeitos e direcionado para os potentes alto-falantes dos quais sai toda a massa sonora?

Sabemos que, salvo algumas exceções, o cenário musical que aguarda um iniciante pode apresentar uma precariedade estrutural que, se por um lado traz algum desânimo e desapontamento, também contribui para o desenvolvimento da criatividade do indivíduo, já que ele em muitos momentos terá que superar muitos obstáculos.

Sendo assim, nosso personagem Pedrinho do Violino não terá outra possibilidade para adquirir experiência na música pop a não ser pelo método da tentativa-e-erro. Foi preparado para trabalhar com música de concerto durante seu curso de graduação e, com isso, nunca precisou se preocupar com outros aspectos que não a técnica de execução do instrumento.

Neste momento observamos a utilidade que teria uma disciplina curricular voltada a esses aspectos técnicos que o músico normalmente terá que enfrentar em sua vivência. Obviamente, existem técnicos encarregados destas funções específicas, ou pelo menos é o que se espera. Mas o bom nível de conhecimento do músico acerca destas problemáticas poderá otimizar o trabalho de preparação e execução de concertos e gravações, entre outros.

CAPÍTULO IV – “Mão na massa”

(Um fato é inegável; o ambiente universitário proporciona muitas possibilidades de trabalho. Eis que nosso amigo Pedrinho do Violino, numa dessas conversas de corredor, soube que um amigo estava com intenção de incorporar um violinista à sua banda de baile!)

Trata-se de um trabalho bastante profissional, com shows agendados quase todos os finais de semana em eventos que incluíam formaturas, casamentos e *bar-mitzvás*⁶ por exemplo. Entre os compromissos estavam os ensaios (dois por semana) em estúdios que cobravam por hora. Pedrinho ainda não conseguia ordenar os fatos em sua cabeça: quanto será que eles pagam aos músicos? Quem paga o estúdio? Será que minhas roupas servirão para esse trabalho?

Não há outra maneira de saber estes detalhes senão conversar, negociar com o responsável pela banda e avaliar a situação. Uma banda profissional como essa costuma fazer de quatro a oito eventos por mês em média. Claro que devemos levar em consideração que pode haver meses com pouca atividade e outros muito movimentados, como aqueles com muitos feriados. No caso de Pedrinho, ele não sabe e provavelmente nunca saberá ao certo quanto o produtor/empresário da banda cobra para fazer um evento de médio ou grande porte, mas já foi informado de antemão que seu cachê será sempre entre trezentos e quatrocentos e cinquenta reais por show, o que o deixou bastante animado. Ele não terá nenhuma despesa com a banda, exceto seu transporte para os ensaios. O aluguel dos estúdios será pago pela própria banda, que sempre separa uma margem dos cachês como reserva para cobrir essas despesas.

Cabe ao produtor executivo da banda interpelar o aspirante à vaga em sua banda em questões como disponibilidade de tempo para ensaios e viagens, bem como características e condições técnicas do seu equipamento. Os trajes para os eventos geralmente são esporte-fino ou mesmo terno e gravata. Quando for algum tipo de festa temática como *réveillon* ou bailes à fantasia, serão preparados figurinos especialmente para cada ocasião.

Se Pedrinho já estava pensando em “turbinar” seu instrumento para poder amplificar seu som, chegou a hora de fazê-lo.

Os trabalhos começam logo, mas longe dos palcos. Pedrinho recebe uma lista com as músicas que compõem o repertório da banda (mais de cinquenta!). Seu primeiro trabalho será obter as gravações destas músicas e aprender suas partes de violino o mais próximo possível do original e em

⁶ Tradicional evento judaico destinado a celebrar a passagem dos meninos (aos 13 anos de idade) e meninas (aos 12) à vida social e religiosa adulta da comunidade

questão de poucos dias. Seria melhor memorizá-las para que não fique dependente de leitura de partituras. Nos palcos das bandas de baile, as estantes não ajudam muito na composição visual.

Pedrinho terá que lançar mão de um recurso polêmico, porém muito praticado em todo mundo: baixar as músicas pela internet. Muito se discute sobre a legalidade desse procedimento mas temos aqui apenas mais um aspecto da revolução que a internet desencadeou no mundo atual. Toda a classe artística precisa rever seus conceitos para se adaptar a essa realidade, já que as tentativas de conter essas práticas se mostraram infrutíferas. Mais adiante voltaremos a esse assunto.

Voltando ao caso do Pedrinho, ele já tem alguma intimidade com essa prática de compartilhamento de arquivos digitais. Sua tarefa agora será acessar seus programas e websites que possibilitam fazer *download* de arquivos em formato MP3. Alguns deles são o *E-mule*, *U-Torrent* e *4-Shared*. Com se trata de um grande número de músicas, ele terá que utilizar mais de um recurso simultaneamente, pois algumas gravações são mais difíceis de encontrar do que outras. Na medida em que vai arquivando músicas em MP3 no seu computador, já pode começar a “dissecar” uma de cada vez, ensaiando suas partes de violino sozinho em seu quarto. Às vezes ele pode se deparar com passagens bastante complicadas, caracterizadas por uma execução peculiar ou por solos muito rápidos. Sente então a necessidade de mais informações sobre um determinado artista. Foi então que ele se lembrou de uma ferramenta muito utilizada em todo mundo, um achado no mundo virtual, o *YouTube*. Quantas horas ele passou sentado em seu quarto assistindo aqueles milhares de vídeos apenas por entretenimento ou observando orquestras sinfônicas ao redor do mundo executando lindamente aquelas obras eternas!

Já que é possível encontrar quase tudo no *YouTube*, por que não procurar demonstrações de violinistas famosos ou anônimos executando aquelas peças que ele precisa aprender rápido? Bastou digitar no topo da página os títulos das músicas ou os artistas e instantaneamente aparecem dezenas de vídeos relacionados. Agora Pedrinho pode mesclar sua interpretação com algumas idéias interessantes que observou nesses vídeos, otimizando seu trabalho.

Na semana seguinte acontecerá o primeiro ensaio com a banda e Pedrinho ficou encarregado de chegar com vinte e duas músicas “embaixo dos dedos”. Algumas com solos de violino mais destacados, e outras apenas com frases discretas.

Chega então o dia. Pedrinho está no estúdio com toda a banda reunida. Falatório, cabos espalhados, ruídos de toda espécie enquanto se afinam instrumentos, regulagens de microfones dos cantores... É hora de testar o som do violino. Por sorte, Pedrinho chegou com o equipamento pronto: captador instalado no instrumento, cordas novas... Do outro lado do vidro, o operador quer saber o que Pedrinho precisa; volume, retorno, reverberação e equalização. Pedrinho não consegue encontrar uma resposta específica. Simplesmente sente que o som de seu instrumento está bom. Começa a

primeira música e ele percebe com espanto a massa sonora furiosa. Todos os integrantes da banda estão tocando com vigor em um ambiente minúsculo. Pedrinho está seguro para executar suas partes, mas o momento do seu solo chega e passa sem que ele quase não tenha escutado o que tocou. Durante o ensaio, ele precisou pedir mais volume para o violino, o que acarretou desagradáveis ruídos: a microfonia que tanto irrita os músicos e o ouvinte.

Para aprender a domar esse problema, será preciso um maior cuidado com a equalização do instrumento por parte de Pedrinho e do técnico de som, já que é a primeira vez que a banda trabalha com um violino de verdade. Anteriormente, o tecladista se encarregava de simular os timbres de cordas. Faz-se necessário então um aprofundamento nas características acústicas do instrumento.

O violino é um instrumento que apresenta uma vasta gama de frequências. Sua nota fundamental mais grave (Sol 2) apresenta uma frequência de 196 hertz e as notas mais agudas podem atingir frequências por volta dos 3000 hertz (Fá#6).

A utilização do arco é fundamental na arte tocar o violino. A força, velocidade e ponto de atrito interferem na qualidade sonora. Uma corda tocada vigorosamente com uso do arco pode produzir vinte ou mais harmônicos distintos. O instrumento de Pedrinho está equipado com um captador, que nada mais é do que um transdutor sensível à vibração do instrumento, diferente dos microfones, que captam as vibrações de ondas conduzidas pelo ar. As características dos captadores se assemelham às dos microfones, no que se refere a respostas em frequências, ruídos e tipos de alimentação. No caso, o captador de Pedrinho é do tipo piezo-elétrico. Esse equipamento utiliza-se de cristais (quartzo, titanato de bário ou titanato de chumbo) que, submetidos à tração, vibração ou compressão, geram uma diferença de tensão elétrica entre suas extremidades. A esse fenômeno dá-se o nome de “efeito piezo-elétrico”.

Num ambiente de ensaio, show ou gravação, o músico geralmente terá uma preocupação básica: fazer com que seu instrumento soe o mais próximo possível de seu timbre natural quando amplificado. No caso peculiar de um violino, devemos ter em mente que essa tarefa não será muito simples. Tocando em grupo e envolto por uma intensa massa sonora o músico pode, por força da circunstância, afetar até mesmo sua maneira de interpretar, alterando seu ataque às cordas, por exemplo, na ânsia de se ouvir melhor. Por isso torna-se vital o conhecimento das características técnicas de seu instrumento, pois a solução para essa situação pode estar no simples ajuste de determinadas frequências do espectro de atuação do violino. Outro detalhe que sempre deverá ser levado em conta é o ambiente físico ao redor. O tratamento sonoro de um estúdio é muito diferente daquele encontrado no salão de um clube, por exemplo. Certos procedimentos aplicados ao estúdio deverão ser reavaliados em caso de show ao vivo.

Pedrinho do Violino tem a vantagem de trabalhar com captador ao invés de microfone; além do ajuste de som ser mais simples, esse equipamento proporciona maior mobilidade ao músico no palco. Quanto ao timbre do violino no estúdio de ensaio, com o tempo o músico e o técnico de som foram chegando a um resultado satisfatório na equalização. Uma vez encontrados os parâmetros de frequências, nos ensaios subseqüentes bastarão pequenos ajustes para alcançar um resultado adequado.

Algumas semanas depois, chega o dia do show. Pedrinho já está com o repertório em dia, lista de músicas impressa para colocar à sua frente no palco, em posição discreta só para se guiar nas seqüências das músicas, roteiro do show combinado, tudo em ordem, apesar do nervosismo. Chaga ao local do evento ainda durante a tarde para passagem de som, o show será à noite. Na passagem de som, a primeira impressão é incômoda, pois todo o trabalho de ajustes realizados em estúdio aparentemente teriam que ser refeitos, em questão de minutos e com todo o tumulto que envolve a produção de um evento dessa ordem, com montagem de equipamento, decoração, *buffet*, tudo ao mesmo tempo em um imenso salão de um clube. Além disso, o músico terá que se localizar no palco, interagir de forma prática e direta com o operador de som para encontrar o melhor som do instrumento, se posicionar em frente ao seu monitor, que será a sua fonte sonora confiável durante a apresentação. Em seguida, a banda inteira fará um breve ensaio para ajustes finais, se recolherá aos bastidores e começarão a se preparar para entrar em cena mais tarde. Hora de conferir figurinos, afinações dos instrumentos, alimentação etc.

Vem então a hora do show. Para Pedrinho, é difícil conter o nervosismo misturado à ansiedade. Nos primeiros acordes da banda, com luzes explodindo por todos os lados, casa cheia e a plateia animada, ele experimenta as sensações de participar de um show bem produzido; o nervosismo inicial começa a dar espaço ao prazer de perceber toda a estrutura funcionando a contento. Alguns momentos tensos são normais, como um pedido aflito de retorno por parte de algum membro da banda, uma sobra de frequência grave rapidamente detectada e eliminada pelo técnico ou algum erro de execução quase imperceptível em algumas músicas. O saldo final é bastante animador: Pedrinho está inserido num mercado novo para ele. Está em uma banda profissional, conseguiu se adaptar sem grandes dificuldades e ainda pode contar com uma renda que, se ainda não pode ser considerada estável, pelo menos vai fornecer algum suporte até que ele possa encontrar outros horizontes de atuação na música.

Neste capítulo, observamos o quanto poderia ser útil uma disciplina curricular voltada ao uso de recursos digitais, desde programas de manipulação de áudio e partituras até os inúmeros meios de pesquisa virtual.

CAPÍTULO V – Abrindo novas frentes de trabalho

(A rotina de shows semanais tem sido gratificante. Pedrinho do Violino progrediu bastante em vários aspectos. Ganhou desenvoltura e segurança nos palcos, aprimorou sua técnica e adquiriu uma maior capacidade de improviso, e está muito familiarizado com a parafernália em volta dele. Sem contar que nos últimos meses adquiriu alguma autonomia financeira com a entrada de dinheiro dos cachês. Mas ele tem notado que sua rotina tem possibilitado muitas horas ociosas durante a semana, principalmente entre segunda feira e quinta feira. Os ensaios acontecem apenas dois dias por semana e duram três horas. Ele pode separar um período diário para praticar seu instrumento e ainda assim sobra bastante tempo. Porque não procurar meios de preenchê-lo com mais atividades paralelas?)

Durante um ensaio de sua banda, Pedrinho ouviu uma conversa paralela entre seus companheiros na qual um deles comentou que passaria quatro dias em função de uma gravação de um artista que lançaria seu CD em breve. Seriam sessões de gravação num grande estúdio da cidade e pagariam os músicos por hora trabalhada. Inevitavelmente, Pedrinho começou a imaginar a possibilidade de se inserir nesse meio de gravações profissionais. Na primeira oportunidade, abordou seu companheiro a respeito do assunto, se disse interessado em entrar no mercado de músicos de estúdio e colheu informações importantes com o colega. Uma das instruções que recebeu através do amigo foi procurar um determinado músico que estava produzindo uma cantora *gospel*, cujo trabalho necessitava da participação de um violinista em algumas músicas. Pedrinho chegou na hora e lugar certos; foi convidado imediatamente a participar. Recebeu gravações prévias das músicas que iria participar e as partituras para estudar com antecedência. Teria uma semana para praticar as partes de violino utilizando como referência uma gravação, a qual foi entregue só com as bases e uma voz guia.

Dias depois, nosso amigo adentrou o estúdio para começar os trabalhos. O técnico se dirige a Pedrinho e pergunta qual microfone ele prefere entre três opções: *Shure SM81*; *Neumann U87* ou *AKG C414*. Mas nosso violinista não conhece esses modelos. E agora?

Microfonar um instrumento é uma ciência que requer cuidados especiais. No caso de um violinista, deve-se levar em conta o posicionamento, ou seja, o músico precisará executar as músicas com muito pouco ou nenhum movimento corporal para não sair do campo de atuação do microfone e não alterar o timbre captado com fidelidade. Deverá tomar cuidado com ruídos extras, inclusive a sua própria respiração. O posicionamento exato do microfone por si só já é uma tarefa delicada, pois há diversas possibilidades que devem ser testadas: o microfone pode ser posicionado a 60, 40 ou 30 centímetros acima do instrumento e apontado para o corpo ou para os orifícios da caixa de ressonância em forma de a letra “f”... Não há uma única regra: cada situação específica terá uma melhor configuração e esta só será encontrada através de testes e experiências no estúdio.

Microfones são transdutores eletroacústicos que transformam energia acústica em energia elétrica através do deslocamento de membranas, fitas, diafragmas ou outros componentes que captem vibrações sonoras. São classificados em diversas categorias, cada uma com sua aplicação específica:

1. Dinâmicos – utilizam o eletromagnetismo. Possuem diafragma, bobina móvel e imã;
2. De fita – uma fita muito fina vibra sob um campo magnético, gerando uma pequena tensão em suas extremidades. Necessitam de um pré-amplificador para reforço de ganho;
3. Eletromagnéticos de imã móvel – possuem bobina fixa;
4. Diferenciais (canceladores de ruído) – possuem duas cápsulas montadas em oposição, com polaridades invertidas, ocasionando cancelamento de fase;
5. Condensadores – utilizam o princípio eletrostático. Necessita alguma alimentação como pilha, bateria, fonte externa ou sistema *phantom power*.⁷

Cada modelo de microfone abrange uma gama de frequências específicas. Quando um microfone cobre toda a faixa de frequências (de 20 hertz a 20 kilohertz), consideramos este um microfone de resposta “plana” (*flat*).

Obviamente, Pedrinho não conhecia todos esses detalhes técnicos mas percebeu o quanto isso poderia afetar o resultado final de seu trabalho. A gravação de um CD apresenta um caráter especial, diferentemente da performance ao vivo; seu registro será um legado para a posteridade e poderá ser escutado por ouvintes distintos em lugares e épocas diferente. Esses fatores já compõem um argumento mais que suficiente para encarar a tarefa com todo o cuidado e responsabilidade possível. Uma vez registrado o violino de Pedrinho naquela gravação, estará impressa definitivamente uma amostra de sua personalidade musical no que diz respeito à sua técnica e interpretação e ao timbre do seu instrumento.

Por força da situação, Pedrinho achou prudente delegar a escolha do equipamento ao próprio técnico, confiando em sua experiência na captação de instrumentos de toda espécie.

Já a postos para começar a gravar, passaram-se alguns minutos até que músico e técnico encontrassem a configuração perfeita para a tarefa, refinando a posição do microfone, a distância da fonte sonora, a equalização, a compressão e outros fatores. Em seguida, viria a grande prova de fogo para Pedrinho: ao sinal de “ok” do técnico do outro lado do vidro do “aquário”, é liberado em seu

⁷ Sistema de alimentação, onde a mesa fornece a energia pro funcionamento de microfones condensadores, através do cabo balanceado.

fone de ouvido o áudio da música a ser gravada. Um *play-back*⁸ no qual Pedrinho se guiará para registrar sua trilha de violino. Neste momento, ele percebe como é intimidador para um iniciante executar uma obra em estúdio profissional sob os olhares do produtor e de outros músicos, tendo que tocar com precisão e com limitações de movimentos corporais. Há também nervosismo, e o tempo vai passando...

O fato é que essa foi uma grande oportunidade para Pedrinho experimentar uma outra faceta da vida de músico profissional. Com a prática, a fluência se torna mais natural e o rendimento nas sessões de gravação é melhor, sem contar o conhecimento técnico adquirido nesse meio em relação à microfonação, ambiência, equalização e processamento de efeitos como *reverb* e compressores.

Um detalhe observado na sala técnica chamou a atenção de Pedrinho: o engenheiro de som mixava os canais dos instrumentos separadamente em uma grande mesa de som, porém grande parte do trabalho subsequente era executado no computador, através de efeitos e instrumentos virtuais (*plug-ins*) que emulavam as funções de equipamentos que antes eram montados em imensos *racks*, ocupando grande espaço físico, isso sem levar em conta o custo exorbitante. Como de costume, numa conversa com um dos colegas, Pedrinho soube que este mantinha em casa um *home studio* no qual podia por em prática suas idéias musicais e registrar seus experimentos. Ele era composto de um computador pessoal, uma pequena mesa de som de oito canais e um microfone.

Os estúdios de grande porte geralmente usam programas de última geração como o *Avid Pro Tools*, por exemplo, uma referência no mercado. Um programa como esse pode ser encontrado para compra na internet pelo valor aproximado de trezentos dólares. Como no caso de Pedrinho, que pretende se iniciar nessa atividade, pode-se encontrar programas gratuitos para baixar. Alguns deles são o *Audacity* e o *Wave Pad*. Obviamente, tais produtos apresentam recursos mais limitados e qualidade em comparação aos programas profissionais, porém, se operados por mãos competentes, podem produzir resultados tão bons quanto os outros. Estes programas também se destacam pela possibilidade de *download* gratuito sem limitações.

Já que Pedrinho já possui um computador pessoal em casa com uma boa configuração de memória RAM, um disco rígido razoavelmente espaçoso e uma placa de som que apesar de *on board* proporciona uma qualidade sonora satisfatória, bastaria agora um pequeno investimento em uma mesa de som ou um pré-amplificador onde ele possa conectar um microfone ou mesmo o seu violino.

Como sempre pesquisando na internet em alguns *sites* de vendas, encontrou modelos de mesas de som da marca *Behringer* por preços variando entre quatrocentos e seiscentos reais. Conseguiu um bom parcelamento no cartão de crédito e adquiriu logo seu modelo. Em breve estaria

⁸ Processo de sonorização que utiliza gravação prévia de trilha sonora (diálogo, música, acompanhamento entre outros) para um uso posteriormente em um show, apresentação ou até mesmo em outra gravação.

em seu quarto gravando, editando, processando e produzindo gravações experimentais de demonstração com suas primeiras experiências e composições.

Como se não bastasse, na medida em que seu trabalho foi ganhando visibilidade na cidade, Pedrinho passou a ser procurado freqüentemente por pessoas interessadas em ter aulas de violino. Aí está um meio de sobrevivência muito comum entre os músicos de toda ordem: aulas particulares. Pedrinho avaliou a situação e percebeu que todo o seu tempo na faculdade lhe proporcionou alguma didática, baseando-se no próprio aprendizado. Poderia começar a trabalhar com iniciantes, dando aulas em casa com duração de aproximadamente uma hora.

Pedrinho tratou de rever todo o material didático possível. Elaborou apostilas de forma a compor um método para iniciantes, encomendou cartões de visita a uma gráfica e passou a deixá-los com amigos e com quem mais viesse a lhe abordar a respeito de aulas. Passado um mês já contava com seis alunos, de crianças à senhoras. O dia da semana que antes era o mais folgado, a segunda feira, foi totalmente dedicado às aulas particulares. Pedrinho recebia os alunos em sua casa. O primeiro chegava às onze da manhã e o último às sete da noite. Os alunos pagavam uma cota mensal por quatro aulas ao mês. Apesar da rotina extenuante, não se pode negar o quanto esse novo serviço colaborou para uma melhora no orçamento do músico.

Neste tópico tivemos mais exemplos de recursos modernos que o músico pode explorar, geralmente lançando mão do uso de computadores, seja para criar um ambiente de estúdio caseiro para trabalhar seu próprio material ou mesmo o uso da internet para os mais variados fins.

Em relação à possibilidade de dar aulas, cabe aqui uma reflexão a respeito do nosso currículo em Licenciatura; estaria ele mais concentrado na formação de músicos ou de professores?

CAPÍTULO VI – Dominando as novas mídias digitais

(A vida de Pedrinho agora é integralmente voltada à música. Pratica seu instrumento sozinho em casa, ensaia com a banda dois dias por semana, dá aulas particulares um dia inteiro, recebe esporadicamente convites para gravações e ainda produz suas obras em casa em seu estúdio caseiro)

Um outro aspecto da vida de Pedrinho que agora se torna importante é seu interesse pela internet. Não só o entretenimento imediato, mas também tudo que envolva sua profissão. Ele se mantém antenado com o mercado musical através dos noticiários e das revistas digitais, cada vez mais presentes em nossos dias. Usuário do *Facebook* entre outras redes sociais, Pedrinho sempre recebeu em suas páginas pessoais, inúmeras mensagens oriundas de artistas anônimos divulgando seu trabalho. O que antes provocava certo incômodo agora se torna um movimento atraente para Pedrinho, que começa a ver a necessidade de ele próprio se inserir nesse movimento de divulgação virtual.

No meio de todo esse turbilhão de imagens, cores, siglas e sons, ele começa a prestar atenção nos *sites* mais populares e mais interessantes que encontra. Percebe que a maioria absoluta dos músicos que clamam por atenção na rede geralmente traz em suas mensagens um *link* onde se pode clicar e visitar sua página pessoal em *sites* muito utilizados pelos músicos do mundo todo, como o *MySpace* e o *SoundCloud*, por exemplo.

Trata-se de uma página pessoal onde o indivíduo pode incorporar seu histórico, fotos, agenda de shows, localização no mapa-mundi e o mais interessante: disponibilizar suas músicas para que todos possam ouvir. O *site* ainda conta com os recursos comuns de troca de mensagens e *chat*.

Entusiasmado, Pedrinho imediatamente cria uma conta no *MySpace*, redige um texto de apresentação com sua história, suas influências e seus trabalhos, escolhe boas fotos suas para inserir na página e carrega algumas de suas composições em arquivos MP3. São músicas instrumentais que ele mesmo escreveu, contando com parcerias de amigos violonistas, contra-baixistas e percussionistas para gravá-las. Obras ainda em desenvolvimento, pré-produções, mas que certamente servirão para mostrar ao mundo o estilo de composição e a habilidade de Pedrinho como violinista.

Em seguida, com a página pronta, segue-se o processo de adicionar pessoas como “amigo”. A cada perfil de artista que Pedrinho visita, aparecem diversos outros artistas interessantes para se criar uma rede de relacionamento, ainda que no campo virtual. Com o passar dos dias, aproveitando o tempo conectado à internet para fazer adições, o perfil de Pedrinho logo atingiu mais de quinhentos “amigos”. Com isso, pessoas de toda parte passaram a trocar informações com ele, trazendo

novidades, conhecendo seu trabalho, dando idéias, criticando, divulgando entre si. Agora Pedrinho pode contar com sua página pessoal, já que ainda não tem seu próprio *site*. Essa ferramenta facilitará seu trabalho na hora de se comunicar com possíveis contratantes, alunos, músicos ou até mesmo admiradores de seu trabalho que eventualmente possam se interessar por ele.

CAPÍTULO VII – Do estúdio caseiro para o mundo

(Muito se discute atualmente sobre os rumos da indústria da música, principalmente a questão fonográfica. A internet vai matar o CD? As músicas em breve só existirão em arquivos digitais dentro dos celulares e tocadores de mp3? O que será dos novos artistas que não podem mais contar com investimentos de gravadoras para lançar sua obra ao grande público, já que elas nos últimos anos só viram seu faturamento despencar de forma dramática e não conseguiram ainda encontrar um novo modo de prosperar da maneira que deveriam; levando ao público música diversa e de qualidade?)

Antes dos anos 2000, os artistas que pleiteavam seu espaço no mercado seguiam um processo muito bem definido apesar de muito poucos obterem êxito. Gravavam fitas “demo” com suas músicas e saíam de porta em porta de gravadoras na esperança de que alguma delas se interessasse pelo trabalho, contratasse-o e gravasse e lançasse seu disco. De fato, era como uma loteria. Poucos conseguiam entrar neste mundo, mas alguns dos que entraram puderam gozar da “vida de sonho de um *pop-star*”. Aquele que tinha empresário, produtor, gravadora e não precisava se preocupar com nada além de compor coisas novas para os próximos trabalhos e cumprir com seus compromissos de shows, ações promocionais e gravações.

No início do presente século, com a popularização dos meios digitais para adquirir músicas de graça pela internet, as gravadoras viram sua arrecadação minguar e frearam seus investimentos. O processo de produção musical precisou de maior autonomia por parte dos artistas, já que as gravadoras deixaram de investir como antes mas ainda tinham grande poder de distribuição e acesso à grande mídia. Sendo assim, o jeito seria arcar com o lançamento do próprio CD e ainda assim divulgá-lo de forma a angariar público fiel e quem sabe ainda o interesse de alguma gravadora de grande ou pequeno porte. Quem tinha capital para investir tratou de dar o pontapé inicial na carreira por conta própria.

O primeiro passo seria submeter suas composições ao crivo de algum produtor musical de confiança. No caso de uma banda, seria necessário um tempo para realizar ensaios e retoques nos arranjos de modo a otimizar o trabalho em estúdio, que seria alugado por períodos de gravação. Ali, o produtor se encarregava de conduzir o trabalho com o artista da melhor maneira, na intenção de chegar a um resultado sonoro adequado. Com o término das gravações, partia-se para a mixagem das trilhas gravadas e depois para a masterização, onde o fonograma é finalizado.

Muitos artistas conseguiram se estabelecer desta forma, chegando às gravadoras com trabalhos semi-prontos. Nesses casos, coube à gravadora apenas produzir o material gráfico, cuidar da prensagem das cópias e principalmente realizar todas as ações de divulgação e distribuição. De certa forma, a parceria artista/gravadora persiste. Todavia, orientando-se por metas de retornos rápidos, a

indústria tem focado seus investimentos nos segmentos mais populares da música, ou nos mais promissores. Atualmente, é raro ver campanhas na mídia anunciando o CD de algum artista consagrado da MPB ou do Jazz por exemplo, mas vê-se com frequência até nos horários mais nobres da televisão anúncios de CDs e DVDs de duplas sertanejas, bandas de ‘fórró universitário’ ou artistas voltados ao mercado religioso. É um regime excludente no qual a mídia acaba oferecendo ao público sempre ‘mais do mesmo’, privilegiando uma pequena elite de artistas populares em detrimento de uma imensa variedade de artistas legados à obscuridade, pelo simples fato de estarem produzindo alguma forma de arte fora dos padrões vigentes pelos modismos sazonais. Como afirma Sonia Regina Albano de Lima,

Enquanto lazer, a música permanece à margem de uma indústria cultural que manipula ouvintes despreparados auditivamente e que permite espetáculos de qualidade duvidosa. Quando não, atividades musicais promovidas pela nossa sociedade são avidamente criticadas por uma elite auditiva acostumada aos bons espetáculos, excelentes gravações e ótimos concertos e que não sabe avaliar o trajeto que o profissional de música deve trilhar para obter uma formação de qualidade. Vícios de uma sociedade colonialista e periférica que convive com um mundo globalizado e privilegia sempre o melhor, o estrangeiro, o extramuros, não vivenciando o trajeto cultural do seu país e as implicações pedagógicas e sociais que envolvem uma formação profissional.⁹

Outro segmento de artistas como Pedrinho do Violino se situa à margem desse meio mas não deixa de criar, produzir seus trabalhos e registrá-los em seus estúdios caseiros. São artistas de todos os cantos do mundo flutuando pelo ciber-espço. Uma quantidade tão diversa, que a atenção humana é incapaz de acompanhar a variedade de nomes, estilos, sons e idéias que se propagam. Eles têm suas páginas pessoais no *Orkut*, *Facebook*, *Twitter* e *MySpace*, mantendo um intercâmbio entre estas redes, induzindo o seu público “virtual” a ouvir suas músicas, ver as fotos dos seus últimos shows e comparecer aos próximos eventos. É um movimento que ainda não garante uma sobrevivência de alto padrão para o músico, comparando-se a artistas consagrados por público e mídia, mas aponta para novas possibilidades de interação entre público e artista que ainda estão sendo delineadas para as próximas gerações.

⁹ LIMA (op. cit)

Conclusão

Com este trabalho, procurei mostrar algumas falhas encontradas no currículo das universidades de música: a ausência de conteúdos relativos ao gerenciamento da carreira e ao aprendizado das características do mercado de trabalho, a insuficiência das disciplinas práticas de conjunto para orientar os alunos sobre as situações reais do mercado e a pouca ou nenhuma preparação dos novos bacharéis e licenciados para atuar num mercado a cada dia mais pautado pela presença no mundo digital, pelo uso das tecnologias eletrônicas em todas as instâncias (performance, criação e realização de produtos culturais). Conteúdos que abarcassem temas como produção fonográfica, manipulação de programas computadorizados de edição de áudio e partituras, elaboração de projetos culturais, princípios da acústica e eletrônica no âmbito musical, noções de equipamentos específicos do ambiente de estúdio e concertos, música eletrônica, noções de sonorização em ambiente de estúdio e concertos, por exemplo, se fossem somados ao currículo do ensino de música atual, certamente agregariam maior conhecimento técnico aos músicos das próximas gerações.

Também sugeri, com as soluções adotadas por Pedrinho do Violino, outras possibilidades de aprendizado no ensino de música, preparando o músico para as situações que ele pode vir a enfrentar no mercado de trabalho. São assuntos que ainda não constam no currículo escolar, que ainda se atém às idéias e práticas fundadas nos períodos clássicos da música européia. Não apresento aqui nenhuma novidade para quem já atua no mundo prático musical. Como estudante de licenciatura em música, percebo no ambiente universitário o quão desconhecidos são muitos destes assuntos abordados aqui por parte de muitos alunos. O currículo da licenciatura atualmente se apresenta um tanto voltado à formação do músico tradicional, dando forte ênfase a matérias como Percepção Musical, Harmonia e Arranjo, por exemplo, deixando um pouco a desejar no sentido de formar professores realmente. A Resolução do *CNE/CP 2* (Conselho Nacional de Educação, 2002b), de 19 de fevereiro de 2002, estabelece a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior, efetiva o mínimo de 2800 horas distribuídas em: 400 horas de prática, 400 horas de estágio curricular supervisionado, 1800 horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural e 200 horas para outras atividades acadêmico-científico-culturais. Os cursos de Bacharelado, por sua vez, se aprofundam nas questões de execução e técnica instrumental. Diante deste quadro, verificamos a necessidade da inclusão de tópicos destinados à tecnologia no currículo de música, visando complementar as disciplinas práticas e pedagógicas em licenciatura e bacharelado, como ferramenta essencial para o músico recém formado enfrentar o atual cenário artístico que se desenvolve a largos passos, tornando novas tecnologias obsoletas em poucos

meses. Devemos também atentar para as várias formas produção, divulgação e interação da arte que temos ao nosso alcance atualmente. O músico moderno, mesmo não sabendo exatamente onde pode chegar, torna-se dono de sua obra, produzindo e gerindo sua criação principalmente através do mundo virtual e suas inúmeras ferramentas de relacionamento social. Tudo se manifestando de forma veloz, obrigando o indivíduo a manter-se atualizado ou, se possível, se antecipando às tendências e conquistando lugar de destaque. De certa forma, este trabalho pode servir como um manual de carreira para novos músicos que, como no caso de nosso fictício Pedrinho do Violino, se encontra na transição do mundo teórico para o prático, ou mesmo tendo que se adequar a um ambiente diferente de sua formação - erudito para o popular, por exemplo. Devemos ter em mente que este texto, elaborado no início da segunda década dos anos 2000, certamente perderá muito de seu teor em breve, devido ao fato de o cenário tecnológico se transformar de forma dinâmica, nos fazendo rever todo o conceito profissional e mercadológico constantemente. É possível que em uma década o quadro já se tenha transformado ou retrocedido. Quem sabe a febre dos '*downloads*' gratuitos possa vir a se aquietar e os artistas consigam vender suas obras de forma regularizada. Ou as gravadoras consigam criar seus mecanismos de monetização e voltem a investir nos artistas como nos velhos tempos...só o tempo dirá.

Enquanto isso, voltando à educação musical, espera-se que no futuro próximo possam ser implementadas disciplinas exclusivamente voltadas a estas questões de mercado e tecnologia, com a finalidade de contribuir para uma formação que transcenda a relação do músico com seu instrumento e seu estilo musical, preparando-o ou pelo menos iniciando-o para lidar com o meio profissional cada vez mais intuitivo e autônomo que constitui o fazer musical do século XXI.

Referências

COLI, Juliana Marília . “Vissi D’Arte” Por Amor a uma Profissão: um estudo sobre as relações de trabalho e a atividade do cantor no teatro lírico. 2003. 359f. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Campinas, 2003.

CUNHA, Leonardo Oliveira da. “A captação do som do violino – Aspectos acústicos e estéticos”. Mestrado em Performance Musical, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LIMA, Sonia Regina Albano de. A resolução CNE/CEB 04/99 e os cursos técnicos de música na cidade de São Paulo. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 8, 81-83, mar. 2003.

MATEIRO, Teresa. - Uma análise de projetos pedagógicos de licenciatura em música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 22, 57-66, set. 2009.

MORATO, Cíntia Thaís – Estudar e trabalhar durante a graduação em música; Construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RECÔVA, Simone Lacorte. “Aprendizagem do músico popular : um processo de percepção através dos sentidos?” Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília, 2006.

TRAVASSOS, Elizabeth. “Perfis culturais dos estudantes de música”. *Actas del IV Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular*, 1999.